

Lar, doce Lar!

Está a dizer-nos que um lar é fundamental para que uma família possa subsistir? Não será exagerada tal afirmação? Então, não há muitas pessoas hoje em dia que vivem bem sem terem propriamente um lar?

A pergunta surgiu no final de uma conferência sobre a família.

É verdade, estou convencido disto. Sem um lar lá em casa, uma família não consegue ir para a frente.

A vida mais propriamente humana é a do nosso espírito. Não é a única que temos — mas é a mais essencial. Por isso, os animais não necessitam de um lar para viver — nós, sim!

Uma família constrói-se ao redor do lar. O lar é o âmbito de reunião da família por excelência. O lar é, como diz o dicionário, “o lugar onde se acende o lume na cozinha”.

Calor que reconforta. Mesa ao redor da qual nos sentamos todos. Convívio agradável e distendido que liberta de tantas tensões que a vida traz. Características fundamentais de uma verdadeira família que nos vêm à memória quando reflectimos sobre esta simples palavra de três letras.

Claro que pode não existir nenhuma lareira. E até podem faltar os aquecedores. Mas o que tem de estar presente é o “calor de lar” — *temperatura* que só nós podemos dar.

A indiferença é o melhor modo de *gelar* um lar. De dinamitá-lo pela raiz. Podem continuar a existir “quatro paredes caídas e um cheirinho a alecrim”, mas o lar desaparece. Fica somente uma simples pensão — e nada mais.

É o lar que origina uma atmosfera de confiança e de perdão. Sem esse ambiente, não há nenhuma família que possa aguentar-se. E o lar são as pessoas que o criam e cuidam dele. Não surge automaticamente pelo facto de haver alguns indivíduos da mesma família que, por pura coincidência, habitam debaixo do mesmo tecto.

Ter experiência de o que é um lar é essencial para o homem actual encontrar a verdade sobre si mesmo.

Pe. Rodrigo Lynce de Faria